

Eliete cai na rede: a arte de reinventar a vida cotidiana na era das mídias sociais

Eliete in the net: the art of reinventing daily life in the social media age

Silvia Valencich Frota¹

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas, Lisboa, Portugal.

Resumo: Neste artigo, explora-se o papel das novas tecnologias da comunicação, em especial, das redes sociais digitais e da sua presença pervasiva na vida de Eliete, a personagem central que dá nome ao novo romance de Dulce Maria Cardoso (2018), com as profundas transformações das relações interpessoais e visões de mundo que estas ora promovem, ora revelam. O exercício do controle e da vigilância sobre os outros e sobre si mesmo, a transformação da relação espaço-tempo no contexto desta nova sociedade em rede e a inegável e contundente realidade do virtual no mundo moderno são algumas das questões que afloram. Nesse cenário, um novo equilíbrio de forças é construído, que se revela pouco a pouco, enquanto acompanhamos Eliete na banalidade dos dias comuns.

Palavras-chave: Redes sociais. Tecnologias da comunicação. Sociedade em rede. Sociedade e poder. Literatura de língua portuguesa.

Abstract: This article explores the role of new communication technologies, especially social networks, and its pervasive presence in the life of Eliete, the central character who gives name to the new novel of Dulce Maria Cardoso, with the profound transformations of interpersonal relations and visions of the world that they sometimes promote, sometimes reveal. The exercise of control and vigilance over others and of oneself, the transformation of the space-time relationship in the context of this new network society, and the undeniable and compelling reality of the virtual in the modern world are some of the issues that arise. In this scenario, a new balance of forces is constructed, which is revealed little by little, as we accompany Eliete in the banality of ordinary days.

Keywords: Social networks. Communication technologies. Network society. Power and society. Portuguese language literature.

Introdução

Eliete, personagem principal do romance de Dulce Maria Cardoso ao qual dá o título, é uma mulher comum. Casada, mãe de duas filhas, agente imobiliária, anda às voltas com o cotidiano familiar – complicado pela doença da avó – e o profissional, tentando encontrar o seu lugar em ambos. Ressaltando a todo o momento a sua medianidade – na inteligência, na beleza, na vida –, Eliete narra a sua história em primeira pessoa, valendo-se da prosa contundente e perspicaz da autora:

O telemóvel assinalou a receção de uma mensagem. Era o Jorge a querer saber notícias da avó. A avó está a perder o juízo, escrevi no ecrã brilhante do telemóvel, mas apaguei logo de seguida. Escrevi, Tenho saudades de ser jovem no verão, sem saber de onde me tinha surgido aquilo. Reli a frase. Apaguei-a. Gostava dos ecrãs dos telemóveis, da existência de sítios onde as palavras podiam ser tão facilmente destruídas como criadas. Sem deixar marcas. Sítios brilhantes, impolutos, sem riscos nem rasuras nem memória, onde era sempre possível recomeçar. Escrevi, Ligo-te quando sair de casa da minha mãe, e enviei a mensagem. Dois

¹ Doutora em Cultura e Comunicação pela Universidade de Lisboa (UL). Docente na Universidade de Lisboa (UL), Faculdade de Letras (FLUL). Investigadora do Centro de Estudos Comparatistas, Lisboa, Portugal. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8677-9398>. E-mail: silviafrota@letras.ulisboa.pt



risquinhos azuis confirmaram que o Jorge tinha visto a mensagem. Recebi um Ok e um sorriso. Escolhi um coração para lhe enviar de volta, mas a mamã distraiu-me com a publicidade que tinha acabado de tirar da caixa do correio, Vou ter de comprar um medidor de tensão arterial destes, e o coração ficou esquecido nos rascunhos (CARDOSO, 2018, p. 34).

Uma das marcas deste romance de Dulce Maria Cardoso é a presença pervasiva das novas tecnologias da comunicação, que não escapam ao olhar curioso e original da autora. Um pouco por todo o lado, vamos descobrindo pistas que nos ajudam a entender melhor as transformações da sociedade moderna, das relações de família, das visões de mundo que simultaneamente estruturam e são estruturadas por essas novas formas de comunicação, por essa nova cultura comunicacional.

Se, como afirmam tantos autores (entre eles Castells, 2011, p. 488), comunicação e cultura não podem ser dissociadas, para refletir sobre o mundo de hoje é preciso pensar os diferentes papéis desempenhados pelas novas mídias e o seu impacto sobre os nossos diversos modos de ver, estar em e viver o mundo ao nosso redor.

A construção da modernidade está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massas, como afirma Thompson (1995). Com o surgimento desses e com a aceleração dos processos de globalização, as práticas sociais se transformam. Novas identidades, novas relações de poder, novos espaços ampliados de circulação e atuação são construídos.

Nesse contexto, os meios de comunicação não agem simplesmente como um poderoso canal de circulação de determinadas representações sociais, visões de mundo e ideologias, mas sim atuam ao longo de toda a cadeia de contatos, participando da construção dos mesmos, atribuindo valores (positivos ou negativos), controlando seu acesso e alcance, participando de um imbricado sistema de relações de poder.

No presente artigo, a partir das diversas referências a essas novas mídias na vida moderna, e tendo *Eliete* como guia, pretende-se refletir sobre o papel das novas tecnologias da comunicação e o seu impacto

na sociedade atual, com destaque para as profundas transformações das relações interpessoais e as visões de mundo que essas ora promovem, ora revelam.

De que maneira as novas tecnologias de informação e de comunicação afetam a nossa vida? Em que medida transformam a sociedade? Será que promovem novas relações de poder? Serão, afinal, tecnologias de liberdade e emancipação ou, pelo contrário, novas formas de controle? Estas são algumas das questões que orientam este trabalho.

O ponto de partida dessa reflexão é o conceito de sociedade em rede, na acepção de Castells (2011), que contribui para a contextualização mais geral, isto é, para uma melhor compreensão do cenário mais amplo por onde Eliete circula e atua. A seguir, reflete-se sobre as novas tecnologias de comunicação, o seu alcance e o seu potencial de transformação sociocultural. A partir daí, pode-se compreender melhor as novas formas de controle e de vigilância que advêm dessa realidade.

A sociedade em rede

Segundo Castells (2011), vivemos em uma sociedade em rede. O desenvolvimento das tecnologias de comunicação promoveu uma nova estrutura de ligações e contatos, que implicou transformações expressivas nos modos de viver em sociedade. Longe de substituir a estrutura social anterior, herdeira da revolução industrial e delimitada pelo espaço geopolítico e sociocultural do estado-nação, esse novo desenho concorre com ele.

Nesse momento de transição, falta-nos o vocabulário adequado para refletir sobre o presente. Os conceitos de espaço, tempo, trabalho, dinheiro, entre tantos outros, se transformam para acomodar novos significados e caracterizar as relações sociais que paulatinamente se vão desenvolvendo neste cenário de ligações múltiplas, transitórias e instantâneas.

O olhar atento de Dulce Maria Cardoso deixa em evidência, em *Eliete*, muitas dessas características, com destaque para a transformação da nossa concepção de espaço-tempo, a exemplo da diferenciação que Castells (2011, p. 535, 549) estabelece entre o que

chama de “espaço de lugares” e “espaço de fluxos”, e a tensão que se reconhece entre realidade e virtualidade, que é desafiada pelo autor em sua elaboração do conceito de “virtualidade real”. Ambos aspectos serão desenvolvidos a seguir.

Nesse novo cenário, a fixidez e concretude do espaço físico passa a competir com espaços de atuação virtuais. A noção de proximidade e distância já não depende necessariamente da geografia. Também a ubiquidade passa a ser possível, de certo modo, pois, com as novas tecnologias, esses diferentes espaços podem se sobrepor – e é o que ocorre frequentemente. Podemos estar em casa e, ao mesmo tempo, estarmos conectados virtualmente com nosso espaço de trabalho e vice-versa. Podemos estar em Lisboa, Roma e São Paulo em simultâneo, ou seja, podemos ver imagens, falar com pessoas, trocar dados (e dados significam produtos, dinheiro, informações, afetos etc.) uns com os outros.

Castells reflete sobre tais transformações contrapondo os conceitos de “espaço de lugares”, que representa o espaço físico, real, geográfico, e o “espaço de fluxos”, que caracteriza esse espaço fluido e transformado, sempre em movimento, do mundo digital. Um não substitui o outro, mas, sim, concorrem entre si.

Com a transformação do espaço, também nossa concepção de tempo se modifica, afastando-se da racionalidade da sociedade industrial, do tempo dividido em horas, minutos e segundos ditados pelos relógios. O tempo-controle, típico das linhas de produção, dá lugar ao tempo multitarefa das redes sociais, instantâneo e simultâneo, ou, como refere Castells, ao “tempo atemporal”.

Para Castells, vivemos em uma sociedade onde espaço e tempo agora se fundem em fluxos. São esses novos fluxos de espaço-tempo que organizam nossas atividades diárias, nossa vida social. Esse movimento é recorrente em *Eliete*, em ações mezinhas como a de arrumar a cômoda da filha na casa da família, em Cascais, com a ajuda desta, em temporada na Itália, como ilustra a passagem abaixo:

Abri o Whatsapp e segui pelo corredor. Do outro lado do ecrã, a Márcia estava sentada na cama, de pijama. Tinha o portátil no colo, meias às riscas, cabelo mal apanhado. [...] Estou de volta ao teu quarto, meu amor, disse, chegámos à última gaveta, mais uns minutos e deixo-te em paz. Apontei a câmara do telemóvel para o casaco amarelo com duas abelhas bordadas. E este casaco?, perguntei, convencida de que a Márcia ficaria contente por rever aquele casaco. Que horror, deita fora, respondeu, sem hesitar. [...] Dirigi o olhar da Márcia, que eu transportava nas minhas mãos, para o placard de cortiça com várias fotografias presas com pioneses [...] (CARDOSO, 2018, p. 89-90).

Além dessa espécie de espaço híbrido, habitado fisicamente por Eliete e virtualmente por sua filha Márcia, há ainda o espaço em que Eliete se desdobra – não só desdobra o espaço por onde circula como a si mesma. Enquanto convive com sua família como Eliete, interage com outros homens no Tinder, valendo-se do seu pseudônimo Mónica. Nesse movimento, a ligação virtual compete com a ligação física em intensidade e realismo. Em determinados momentos, Eliete parece marcar presença de forma mais contundente na plataforma virtual do que em sua sala de estar:

Passsei a estar no telemóvel como o Jorge e as miúdas estavam, falava com os homens do Tinder à frente deles, provando a minha destreza em gerir conversas paralelas. Terão dado conta da mudança que se operou em mim, mas, mais do que desconfiança ou curiosidade sobre o que se passava ou sobre com quem eu andava a falar, terão sentido alívio. Estando eu tão ocupada quanto eles, já não havia razão para se sentirem mal, eu já não me sentiria abandonada quando eles, corpo presente, partiam virtualidade adentro (CARDOSO, 2018, p. 172).

O tema da solidão acompanhada não é novo, nem exclusivo das redes sociais, mas parece ter alcançado um novo protagonismo por causa delas. Sherry Turkle (2011) explora essa questão quando analisa as novas formas de interação promovidas

pela comunicação em rede, e as novas formas de solidão e isolamento a ela associadas.

Um dos exemplos a que recorre é o das conversas íntimas que ouvimos nos transportes públicos, como se, para quem fala, todos os outros deixassem de existir, ou, em sentido inverso, como se aquele que fala se ausentasse momentaneamente do espaço público partilhado, e assim deixasse de existir. A trivialidade do exemplo parece corroborar a tese sobre as novas formas de solidão da sociedade em rede.

Mas o potencial das tecnologias da comunicação para o isolamento é também posto em causa, embora as relações identificadas surjam como se fossem substitutas precárias das relações sociais pessoais e corpóreas. O melhor exemplo disso talvez seja a referência ao jogo virtual que parece ter conquistado Jorge, marido de Eliete: a caça aos Pokémons:

Aquele foi o verão em que soubemos que estávamos rodeados de criaturas coloridas que só a câmara dos telemóveis revelava. Dentro da nossa casa, na rua, nas lojas, nos jardins, nos transportes públicos, no carro, Pokémons, invisíveis à vista desarmada, podiam ser caçados se, entre os nossos olhos e a realidade, interpuséssemos um telemóvel. Por todo o mundo, multidões juntavam-se de telemóvel em punho para caçarem Pokémons. Afinal a tecnologia não nos condenava à clausura de um mundo virtual, permitia também que nos aproximássemos uns dos outros. Corpo a corpo. O Jorge saía à caça de Pokémons e eu à caça de homens (CARDOSO, 2018, p. 236-237).

Nesse ambiente em que real e virtual se misturam e confundem, é interessante retomar o conceito de “virtualidade real”, de Castells (2011), como contraponto à realidade virtual. Com esse jogo de palavras, o autor contraria a ideia de que o virtual é algo que não existe, algo inventado, sobre o qual temos total controle, algo fictício que pode ser modificado a todo o instante. Em outras palavras, a percepção de que o virtual é algo menos importante ou relevante do que a realidade é aqui posta em causa, pois o virtual “existe no mundo real”, é parte dessa realidade, sendo assim vivenciado.

Essa dualidade entre real e virtual é constantemente evocada no romance de Dulce Maria Cardoso. O exemplo de Jorge e dos Pokémons, referido acima, não é único. Também as relações afetivas são aqui, de certo modo, “virtualizadas”. Ganham nova existência nas redes sociais. Menos do que uma encenação ou exibição de uma relação real, adquirem autonomia – parecem existir por si mesmas, em alguma medida, independentemente das interações supostamente “reais”.

Em outras palavras, não se trata necessariamente de dissimulação, falsidade ou mentira, mas talvez da construção de algo distinto, de uma relação interpessoal “real” via plataforma digital. É exemplo disso a interação entre pai e filha, ou melhor, a construção de uma relação “ideal” entre pai e filha, criticada, com uma boa dose de sarcasmo, por Eliete:

O Jorge publicara uma selfie com a Inês há cerca de dez minutos. Estavam na varanda da frente da nossa casa [...]. Estavam sentados na pequena rede de baloiço e sorriam para a fotografia. [...] O recorte da serra de Sintra aparecia ao fundo, devidamente enquadrado, e era-me fácil perceber a satisfação que o Jorge sentira ao conseguir iluminar a idílica relação de pai e filha com a luz dourada do fim da tarde (CARDOSO, 2018: 81-82).

O Jorge e a Inês estavam no sofá da sala. Suspeitei que a imagem da idílica relação entre pai e filha não teria durado mais do que o tempo de terem tirado a fotografia publicada no Facebook, teriam estado no sofá a maior parte do tempo, cada um no seu canto, cada um entretido com o seu telemóvel e com os seus auriculares nos ouvidos (CARDOSO, 2018, p. 88).

Nesse mesmo sentido, a distinção feita entre o objeto real e o seu registro em imagem é também um exemplo dessa nova relação real/virtual. Essa distinção é reconhecida, como revela a interação entre mãe e filha no pequeno almoço. A filha prepara uma taça de frutas, sob o olhar admirado da mãe, que depois fotografa o resultado para partilhar na rede social digital Instagram. “Queres ver?” (CARDOSO, 2018 p. 110), oferece Inês. Com essa pergunta, afirma-se a distinção

entre o arranjo de frutas sobre a mesa – ao qual a mãe tem acesso direto – e o arranjo de frutas fotografado e partilhado – ao qual a filha faculta o acesso à mãe.

Essa dicotomia entre real e virtual, que se opera nesse novo espaço de fluxos, parece se adequar bem a lógica das redes sociais. Eliete, pouco a pouco, afasta-se desse suposto mundo real para viver em um outro espaço, tão ou mais real do que o primeiro: “Eu existia cada vez mais inacessível, mais entregue ao que se passava na minha cabeça e no meu telemóvel, e por isso ainda que tivessem olhado para mim ninguém soubera o que se passou, ninguém pôde ajudar-me” (CARDOSO, 2018, p. 194-195).

Embora consciente da divisão que se opera entre a “vida real” e a “vida virtual”, Eliete não consegue resistir a esse movimento. Reage a uma e outra, reconhecendo, talvez não de forma explícita, o amálgama que formam, sendo incapaz de separar o real do virtual, que aqui aparecem em concorrência, mas são percebidos no singular por Eliete, em seu corpo, em sua vida:

Com o tempo, fui-me habituando e deixei de fazer fitas, adaptava-me facilmente ao que não podia mudar. Mas nunca fiquei imune à felicidade que as putéfiás exibiam nos seus perfis, à infinidade de outras vidas que, de repente, se tornavam acessíveis, temia que a nossa, a minha e do Jorge, uma vida real e não editada, não aguentasse a pressão das vidas virtuais, temia que os corpos editados das outras vencessem o meu corpo que, tão imperfeitamente real, se deitava todas as noites em bruto ao lado do Jorge (CARDOSO, 2018, p. 81).

Depois de uma série de experiências com filtros e enquadramentos, consegui a fotografia perfeita das minhas pernas, uma fotografia que não parecia ser uma fotografia às minhas pernas e onde as minhas pernas não pareciam ser as minhas pernas (CARDOSO, 2018, p. 84-85).

As novas tecnologias

Já na década de 1960 do século passado, o teórico da comunicação Marshall McLuhan (2011) refletia

sobre as transformações desencadeadas pelo desenvolvimento das tecnologias da comunicação, caracterizando os meios de comunicação, de certo modo, como extensões do homem. Para o autor, se na era da mecânica o corpo humano se estendeu no espaço, na era da eletricidade é o nosso sistema nervoso central que se expande. A noção de espaço e tempo perdem sentido no contexto da comunicação planetária. Os meios de comunicação ampliam nossos sentidos e tecido nervoso.

As polêmicas teses de McLuhan, famoso por cunhar a expressão “aldeia global”, muito antes da hegemonia da internet, parecem cada vez mais pertinentes. A relação simbiótica entre o homem e as tecnologias de comunicação – uma constante no romance de Dulce Maria Cardoso – caminha nesse mesmo sentido. Sempre presente, o telemóvel, nas palavras de Eliete, “não tardaria a ser parte do nosso corpo, uma outra cabeça, um outro cofre de segredos” (CARDOSO, 2018, p. 194), ou ainda, como Eliete destaca na seguinte passagem:

Os polegares tão ágeis da Inês faziam-me pensar que já eram morfologicamente diferentes dos meus e dos de todos os humanos que nos tinham antecedido. Soubera há uns anos, através de um programa no canal Odisseia, que se uma determinada geração de mosquitos sentisse uma qualquer nova necessidade, os corpos das gerações seguintes encarregar-se-iam de se equiparem com o que fosse preciso para a suprir. Talvez, afinal, os humanos possuíssem uma mutabilidade semelhante à dos mosquitos, que resistem a tudo e a tudo se adaptam. Se assim fosse, os humanos da minha geração ter-se-iam sentido sós e teriam reconhecido a necessidade de voltarem a escrever para outros humanos. A tecnologia providenciara o novo papel de carta e eis que no espaço de uma geração os humanos surgiam equipados com polegares adaptados à nova forma de escrever (CARDOSO, 2018, p. 121-122).

Para além da fantasia do ciborgue, em sua representação da comunhão homem-máquina, no entanto, o que se destaca no romance é a presença pervasiva dos novos meios de comunicação e o seu impacto nas

relações sociais mais comezinhas e triviais do cotidiano moderno. Há inúmeros exemplos, a começar pela descrição de uma cena banal, em parte aqui já referida: enquanto Eliete, em Portugal, conversa com Márcia, na Itália, sua filha mais velha, via aplicativo de mensagens instantâneas Whatsapp, na sala, a TV ligada contracena com Jorge, o marido, com seu onipresente auricular, e a filha caçula, Inês, pendurada ao “telemóvel”.

Também a comemoração pela conquista, por Portugal, de um campeonato de futebol, serve de exemplo para demonstrar esse entrelaçamento entre a tecnologia e a vida corriqueira: “(n)ão havia mais palavras, não se falava de outra coisa em casa, na televisão, na casa dos vizinhos, na rua, no Facebook, no Instagram” (CARDOSO, 2018, p. 155); “a Inês [...] mandara ao Jorge selfies do Terreiro do Paço (CARDOSO, 2018, p. 157). E mais:

A Milena enviou-me pelo Whatsapp uma fotografia para me agradecer o jantar e a companhia. Num dia normal, a Milena nunca teria feito uma selfie onde aparecia ensanduichada entre o xodó e um outro homem, possivelmente amigo dele, mas naquele dia tudo era permitido. Abri o Facebook, o meu colega da agência concorrente tinha publicado uma fotografia na qual estava enrolado com a mulher num cachecol do Euro 2004 [...] (CARDOSO, 2018, p. 158-159),

A presença e o recurso às novas tecnologias de comunicação atravessam o romance em um tom de aparente normalidade, incorporadas ao cotidiano profissional e familiar da protagonista. Mas é interessante notar que, ao mesmo tempo em que a presença dessas novas tecnologias é naturalizada, persiste um certo tom de assombro. Assim, a normalização inicial é posta em causa pelas reflexões de Eliete, marcadas ora pela ironia e pelo sarcasmo, ora por um posicionamento crítico, como ilustram as passagens abaixo:

[...] quem é que queria saber dos velhos ou do que os velhos tinham aprendido no decurso das suas vidas quando o Google dava milhares de resultados atualizados em segundos sobre tudo, quem precisava de saber a experiência de

um indivíduo quando em segundos se podia ter acesso à experiência de milhões de indivíduos? (CARDOSO, 2018, p. 205).

Talvez a possibilidade de registo exaustivo estivesse a mudar a nossa memória como a invenção da escrita a tinha mudado, o registo exaustivo de tudo que fazíamos estava a tornar-nos outros... (CARDOSO, 2018, p. 129).

Se excluirmos da narrativa de Eliete a presença massiva das novas tecnologias de comunicação, essa não se sustenta, ou seja, a história de Eliete seria necessariamente outra. Não é difícil perceber o porquê, uma vez que a comunicação não se limita à transmissão de informações e mensagens, mas sim implica novas relações interpessoais e sociais, novas formas de ser e de estar no mundo, como bem destaca Thompson (1995).

Essa percepção ampliada do conceito de comunicação e dos seus papéis também se faz presente, por exemplo, no pensamento de Halliday (2004). Na perspectiva da linguística sistêmico-funcional, o autor define três meta-funções que ele associa à comunicação: ideacional, interpessoal e textual. Assim, a comunicação cumpriria, simultaneamente, diferentes papéis, com destaque para a construção e partilha de representações de mundo, construção de identidades, estabelecimento de relações sociais, e produção de sentido, por exemplo.

No cenário atual de comunicação ampliada, produzido a partir de uma teia de ligações e contatos que altera a percepção geral do que é privado e do que é público, do que é visível ou invisível, cujo exemplo mais óbvio seriam as redes sociais, as interações sociais se transformam. Se pensarmos na teoria de Goffman (1956) sobre a comunicação interpessoal, mais especificamente na definição de “palco” (*front region* ou “região de fachada”), como o espaço em que a interação se desenrola, e “bastidor” (*back region* ou “região de fundo”), como o espaço em que nos preparamos para a atuação que se seguirá, parece haver aqui mais uma transformação.

O bastidor agora aparece iluminado, debaixo de holofotes, deixando, assim, a rigor, de cumprir sua

função de preparação para o espetáculo, de espaço em que o indivíduo despe o seu figurino e respira aliviado, para se transformar também em um espaço de visibilidade. A distinção entre palco e bastidor é, em alguma medida, diluída. Passamos a estar continuamente em palco, debaixo dos holofotes:

[...] que diferença havia entre a Mónica tomar café com um homem e o roça-roça no Facebook entre mim e o meu colega da agência concorrente ou entre o Jorge e a tableforone? Preferia que o roça-roça deles acontecesse no recato de mesas de café e não à frente de toda a gente, no Facebook (CARDOSO, 2018, p. 179).

No romance de Dulce Maria Cardoso, no entanto, pondo de parte o assombro, parece haver a constatação dessa nova realidade, indissociável das tecnologias de comunicação, com tudo aquilo que ela acarreta: oportunidades e desafios, soluções e problemas, vantagens e desvantagens. Independentemente das transformações efetivas promovidas por tais tecnologias, não parece haver dúvidas de que o nosso imaginário social está definitivamente marcado por elas.

Segundo Taylor, a noção de imaginário social implica a percepção de uma certa realidade social, mais do que imaginada, vivida e experienciada no contato com os outros e com o mundo ao redor. Tal imaginário engloba “a compreensão comum que possibilita práticas comuns e um sentido de legitimidade amplamente partilhado” (TAYLOR, 2010, p. 31). Nesse sentido, as redes sociais digitais, a comunicação digital e a internet são hoje elementos indissociáveis do modo como imaginamos o mundo – e nos imaginamos nele.

O caráter pervasivo das tecnologias da comunicação não promovem, no entanto, unicamente o contato e a ligação permanentes. Retomando Turkle (2011), tais recursos também parecem promover a solidão e o isolamento. Em *Eliete*, ambas as perspectivas se fazem presentes. Porém, mais do que a conexão permanente ou a fuga e o escape, as novas tecnologias – essas novas formas de estar no mundo, vivê-lo, interagir nele – dão a ela um poder inesperado: de vigilância e controle, por um lado, e de dissimulação e invisibilidade, por outro.

As regras do mundo social, físico e concreto, que parecem constrangê-la, são subvertidas nessa nova realidade digital híbrida, com o potencial de realização que ela representa. Se levarmos em conta a relação entre visibilidade e invisibilidade, de um lado, e controle e vigilância, de outro, é fácil perceber as possíveis imbricações de tais mudanças nas relações de poder que marcam todas as relações humanas (FOUCAULT, 2016).

O controle e a vigilância

Para melhor explorar a predisposição para a vigilância constante e o controle, que marcam essa nova realidade, parece relevante retomar aqui a ideia da sociedade disciplinar, desenvolvida por Foucault (2016), e da sociedade do controle, referida por Deleuze (1992) a partir da sua reflexão sobre a primeira.

Ao caracterizar o que chamou de sociedade disciplinar, Foucault destaca o papel da visibilidade constante como instância de poder. Descrevendo o famoso modelo do panóptico, definido por Bentham, ele analisa o estado de sujeição do indivíduo encarcerado ao olhar vigilante do controlador na torre de vigilância. Mais do que isso, destaca o papel da mera possibilidade de visibilidade irrestrita, da indução de “um estado consciente e permanente de visibilidade”, como forma de poder. Segundo o autor, o “essencial” é que o indivíduo “se saiba vigiado” (FOUCAULT, 2016, p. 195).

Deleuze, a partir de Foucault, vislumbra a transformação dessa sociedade disciplinar em sociedade de controle. Como refere Hardt (1998, p. 139), as instituições-modelo da sociedade disciplinar – a escola, a família, o hospital, a prisão e a fábrica – estariam em crise. Essa crise institucional, característica dos tempos modernos, é ao mesmo tempo sintoma e confirmação dessa mudança. O rígido controle do espaço, cujos limites são definidos com clareza no panóptico, com uma clara distinção entre interior e exterior, inclusão e rejeição, deixa de ser uma constante. No espaço conectado em rede, as noções de público e privado se alteram. Passamos a viver constantemente sob o olhar do outro, debaixo de câmeras de vigilância.

Na perspectiva de Deleuze (1992, p. 5), a fábrica está para a sociedade disciplinar assim como as grandes empresas estão para a sociedade do controle. Se, na sociedade disciplinar, estamos sempre a recomençar – saímos da instituição familiar para a instituição militar, saímos da instituição militar para a fábrica –, na sociedade do controle, nunca chegamos ao final de nada: nunca saímos realmente de casa e a aprendizagem passa a ser uma tarefa para toda a vida, por exemplo.

Nesse novo contexto, o funcionamento dos mercados passa a ser o principal instrumento de controle social. O indivíduo não mais se encontra “encarcerado”, mas sim em “débito”. A moeda de troca é a “palavra-passe”, o “código” que permite ou impede o acesso à informação. O controle se manifesta pela identificação da posição de qualquer indivíduo, em qualquer lugar, em um dado instante (DELEUZE, 1992, p. 5).

Mas também há quem aponte para a superação da sociedade de controle, como, por exemplo, Byung-Chul Han. Para o autor, a noção de controle detém uma carga de negatividade muito forte, incompatível com o excesso de positividade que ele identifica na sociedade do século XXI. Vivemos, segundo Han (2014, p. 14), em uma sociedade de produção, onde “a comunicação generalizada e a sobreinformação ameaçam todas as defesas do ser humano”. Ao contrário da sociedade disciplinar, marcada pelo verbo negativo “dever”, na sociedade de produção impera o verbo positivo “poder”, onde “(a)s proibições e as obrigações, as ordens e as leis são substituídas pelos projetos, pelas iniciativas e pelas motivações” (HAN, 2014, p. 20).

Voltando agora para o microcosmo da vida familiar de *Eliete*, o recurso às tecnologias de comunicação e às redes sociais faz da vigilância do marido e da filha uma constante na rotina da protagonista. Eliete passa a sua vida a monitorar os movimentos de ambos: “espreitei-lhe o Facebook” (CARDOSO, 2018, p. 80, referindo-se ao marido), “ao bisbilhotar o Instagram da Inês” (CARDOSO, 2018, p. 129), “a vigilância da conta de Instagram da Inês” (CARDOSO, 2018, p. 153), ou, ainda, “a Inês continuava a não publicar nada” (CARDOSO, 2018, p. 155).

Na verdade, Eliete parece se regozijar com essa sua habilidade: “(s)e existia uma atividade que eu

desempenhava com verdadeiro profissionalismo era ser detetive do Facebook” (CARDOSO, 2018, p. 86). Mas a vigilância constante de Eliete parece configurar, não uma relação de poder, mas sim, uma tentativa falhada de controle, isto é, afigura-se como um recurso extremo para compensar a falta de controle efetivo sobre a sua vida. Em alguma medida, surge como tradução da distância estabelecida entre a protagonista e sua família, revelando, como no exemplo abaixo, as frustrações de Eliete:

Ao entrar no elevador abri novamente o Facebook, um gesto automático. O Jorge não reagira ao meu post nem ao meu comentário. Em contrapartida tinha posto um sorriso no comentário da tableforone (CARDOSO, 2018 p. 87).

Verifiquei novamente o meu Facebook. O meu chefe tinha deixado um emoji de um bíceps fletido na fotografia das minhas pernas. O Jorge, apesar de estar online, continuava sem se pronunciar sobre o meu post nem sobre o comentário que deixara no dele (CARDOSO, 2018, p. 95).

Se a possibilidade de vigilância é uma instância de manifestação de poder, na sociedade em rede, mais do que nunca, esse poder é difuso. A vigilância é exercida em todos os sentidos e direções. A crescente e grandemente ampliada visibilidade que as redes sociais digitais, em especial, oferecem e promovem, constitui um campo fértil para a prática da vigilância e eleva exponencialmente o grau de exposição individual, com as devidas – ou, muitas vezes, indevidas – repercussões:

No entanto, o piropo testemunhado pela nossa filha incomodou-me menos do que o roça-roça virtual do Jorge com as amigas, quando ele aderiu ao Facebook. Não sabia o que me magoava mais, se a afronta de o Jorge se meter com outras, sabendo que eu podia ver, se a humilhação de os nossos amigos comuns poderem assistir àquilo (CARDOSO, 2018, p. 81).

Ao mesmo tempo, esse novo espaço híbrido, de lugares e de fluxos, marcado por uma distinta noção

social de tempo, como proposto por Castells (2011) e já referido neste artigo, torna-se o palco por excelência das interações sociais. *Eliete* parece circular por esses territórios com naturalidade, mas quase sempre consciente da brutalidade de tais transformações e da nossa incapacidade de apreender de modo efetivo os seus impactos:

O elevador ainda não passara o segundo andar e já eu tinha agradecido com um sorriso igual o comentário que o meu colega fizera à fotografia das minhas penas, demorava mais o elevador a subir os seis andares do que eu a vigiar o Facebook do Jorge e a meter-me com o meu colega. Fora do mundo virtual, a realidade era lenta (CARDOSO, 2018, p. 87)

As novas ferramentas de comunicação, visibilidade e vigilância, no entanto, em vez de representarem, para *Eliete*, no âmbito familiar, uma manifestação do poder que ela exerce sobre os demais, parecem revelar o seu estado de sujeição. É o que transparece principalmente, na relação entre *Eliete* e *Inês*:

Vigiar a conta do Instagram da *Inês* permitia-me saber o que ela pensava, do que gostava, com quem andava sem ter de a aborrecer, até porque a *Inês*, que tão bem se furtava a responder às minhas perguntas, esmerava-se nas longas respostas que dava aos seus seguidores (CARDOSO, 2018, p. 114).

Eliete detém o poder de vigiar, mas não a capacidade de intervir, pelo menos, não com os resultados que desejaria. A vigilância *online* surge como substituta da relação íntima e pessoal que gostaria de estabelecer com a sua filha. Trata-se, na verdade, de uma tentativa de suprir uma falta, corrigir uma falha:

Qualquer boa mãe saberia fazer com que uma filha em apuros confiasse nela, mas eu não era uma boa mãe e por isso limitava-me a vigiar uma conta de Instagram, por isso a minha filha estava a tornar-se também desconhecida e inacessível (CARDOSO, 2018, p. 141-142).

Considerações finais

Em *Eliete*, as novas tecnologias de informação e comunicação fazem-se presentes de forma exaustiva. Referidas muitas vezes com displicência, são normalizadas, naturalizadas ou mesmo banalizadas ao ponto de passarem despercebidas em alguns momentos. Ao mesmo tempo, no entanto, pequenos comentários e reflexões invertem o jogo, revelando o assombro e a perplexidade de *Eliete* (e de *Dulce*) face esse novo mundo em rede.

Pode-se discutir o seu alcance ou a sua natureza, mas não parece possível negar o impacto dessas novas formas de comunicação digital nas nossas relações sociais, visões de mundo e percepções de si e do outro. Tampouco é o caso de se discutir aqui eventuais relações de causa e efeito, mas sim de reconhecer as imbricações, a relação de interdependência entre uns e outros.

É relativamente comum a afirmação de que a tecnologia em si não é boa ou má por natureza, mas, como bem alertou McLuhan (2011) já há bastante tempo, ela não faz sentido, uma vez que o meio, independente do seu uso, também “significa”. Em outras palavras, a mera existência de uma certa tecnologia de comunicação, os seus usos potenciais, formatos etc. são dotados de significado, produzem efeitos.

A relação de *Eliete* com esses novos recursos de informação e comunicação é ambígua. Se, por um lado, a comunicação digital representa o afastamento, o isolamento de *Eliete* em relação ao seu marido e às suas filhas (fisicamente presentes, mas fechados em si mesmos), por outro surge como último recurso de contato, de conexão ou vínculo (mesmo que unilateral, pela via transversa da vigilância constante) – como uma estratégia de reparação de uma falta, de uma falha de *Eliete* em estabelecer uma relação de proximidade com sua família.

Também é essa tecnologia que oferece um novo campo de atuação para ela, com a possibilidade de se reinventar nele, de construir uma nova versão de si mesma, aprimorada, idealizada. As redes sociais digitais – neste caso, especificamente o *Tinder* – oferecem um novo espaço de liberdade à *Eliete*, que,

à vista de todos, permanece anônima. Um espaço de experimentação, onde as relações de poder do mundo supostamente real podem ser subvertidas. Um espaço que guarda a promessa do que antes parecia inacessível: a possibilidade de passar a vida a limpo ou de viver várias vidas em simultâneo.

Se o poder, na sociedade em rede, como afirma Castells (2009), é o poder da comunicação, a presença pervasiva e o uso recorrente das novas tecnologias de informação e comunicação implicam mudanças nas relações de poder. Neste romance, a promessa de liberdade e emancipação, muitas vezes associadas à *internet*, caminha a *pari passu* com novas formas de controle e vigilância.

As questões de identidade, aqui entendida em seu viés discursivo, como processo de construção sempre inacabado, precário e fluido, também está muito presente, com destaque para a perspectiva do gênero. Ao longo da narrativa, encontram-se muitas pistas do momento atual de mudança de paradigma do que significava e do que significa ser – e ser reconhecida como – mulher neste início de século XXI.

É óbvio que tal discussão se encontra diretamente relacionada com o tópico do poder e com as alterações das relações de poder viabilizadas ou mesmo motivadas por esse novo ecossistema de comunicação digital em rede. Embora essa abordagem tenha ficado de fora da presente reflexão, ela certamente merece ser analisada em detalhe e com o devido cuidado.

Em *Eliete*, a banalidade e a medianidade da personagem são tudo menos banais e medianas. O texto de Dulce Maria Cardoso constrói-se nas entrelinhas, muitas vezes negando o significado mais direto daquilo que a princípio foi dito. Ao abordar temas tão comuns como a inatenção do marido, os ciúmes, as dificuldades da maternidade, o desejo sexual, a autora nos fala de uma sociedade em transformação, onde os papéis mais elementares de mulher, esposa e mãe são postos em xeque.

O que as novas tecnologias de informação e comunicação têm a ver com isso? A sociedade do século XXI é a sociedade da informação – uma sociedade construída em torno de redes de contatos e conexões que ora permitem ora recusam o acesso de

uns e outros, determinam o que pode ou não circular por seus canais, controlam o movimento de dados, objetos, pessoas, valores, ideologias.

Portanto, para se compreender a sociedade atual, é preciso refletir sobre as profundas alterações no sistema de informação e de comunicação que desenvolvemos e adotamos.

Referências

- CARDOSO, Dulce Maria. *Eliete: A vida normal*. Lisboa: Tinta-da-china, 2018.
- CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia Sociedade e Cultura: A sociedade em rede*, tradução de Alexandra Lemos, Catarina Lorga e Tânia Soares. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011. v. 1. [https://doi.org/10.17231/comsoc.5\(2004\).1256](https://doi.org/10.17231/comsoc.5(2004).1256)
- CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. New York: Oxford: 2009.
- DELEUZE, Gilles. Postscript on the societies of control. *October*, Cambridge, v. 59, p. 3-7, Winter 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhe. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. Edinburgh: University Press, 1956.
- HALLIDAY, Michael. *An introduction to functional grammar*. Great Britain: Hodder Arnold, 2004
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Lisboa: Relógio D'Água, 2014. [https://doi.org/10.17231/comsoc.28\(2015\).2289](https://doi.org/10.17231/comsoc.28(2015).2289)
- HARDT, Michael. The global society of control. *Discourse*, Wayne State University Press, 20, n.3, pp. 139-152, Fall 1998.
- MCLUHAN, Marshall. *Understanding media: the extensions of man*. Berkeley: Gingko Press, 2011.
- TAYLOR, Charles. *Imaginários sociais modernos*. Lisboa: Texto & Grafia, 2010.
- THOMPSON, John. *The Media and Modernity: a social theory of the media*. Cambridge: Polity Press, 1995.
- TURKLE, Sherry. *Alone Together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2011. <https://doi.org/10.5613/rzs.41.3.7>

Recebido em: 16/8/2019.

Aprovado em: 16/8/2019.

#35335

SEÇÃO: ENSAIOS

Silvia Valencich Frota

Universidade de Lisboa (UL)

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8677-9398>

E-mail: silviafrota@letras.ulisboa.pt

Faculdade de Letras

Departamento de Estudos Anglísticos

Alameda da Universidade

1600-214

Lisboa, Portugal